



DE *IL PRINCIPE* A *IL ESECUTIVO*: MAQUIAVEL NO SÉCULO XXI

O autor florentino Nicolau Maquiavel tornou-se famoso ao escrever *O príncipe*, um tratado fundamental da ciência política. Publicado em 1532, o livro é lido até hoje por ser um compêndio de conselhos de como governar, incluindo recomendações como: “Faça de uma vez só todo o mal, mas o bem faça aos poucos” e “É melhor ser temido do que ser amado”. Esse tipo de raciocínio levou ao adjetivo “maquiavélico”, que descreve alguém sem escrúpulos, que faz de tudo para ter poder. Pensando nisso, o que aconteceria se Maquiavel escrevesse para os príncipes corporativos de hoje?

Entre os acadêmicos, Maquiavel é considerado fundamental por ser um dos primeiros autores a falar do mundo como ele é, de forma objetiva. A maior parte da tradição do pensamento filosófico e jurídico preocupa-se em discutir como o homem e a sociedade devem ser, no entanto essas idealizações nem sempre coincidem com nosso real comportamento, seja individual ou coletivo.

Os conselhos de Maquiavel não demonstram preocupações do ponto de vista ético. Sua perspectiva é amoral – nem moral, nem imoral. Não é uma visão a que estamos acostumados quando pensamos em questões de interesse coletivo. Volto, assim, à questão inicial: e se Maquiavel escrevesse não para os nobres italianos do século XVI, mas para os CEOs do século XXI?

Como estudioso de práticas empresariais em décadas recentes, Maquiavel possivelmente abordaria a importância de liderar cartéis em licitações públicas, a relevância de dissimular comportamentos antiéticos com programas de responsabilidade social, ou

ainda quão fundamental é se preparar para guerras comerciais usando qualquer tipo de artimanha (legal ou ilegal) ao alcance da organização. Seus principais objetivos com tais recomendações seriam o crescimento das empresas e a manutenção do poder por parte do CEO.

Esses conselhos parecem absurdos e decididamente imorais – não consigo pensar em um curso de gestão ou MBA que trate abertamente desses assuntos. Mas não temos como negar que esses tipos de práticas – corrupção, cinismo corporativo,

fraudes na fiscalização, concorrência predatória, entre outras – ocorrem no dia a dia e, muitas vezes, explicam o crescimento das organizações que as empregam. Se não são ensinadas nas cadeiras das universidades, são compartilhadas e reproduzidas no cotidiano da gestão corporativa. As evidências que aparecem nas delações premiadas da Operação Lava Jato não deixam dúvidas quanto a isso.

Muitas empresas grandes – no Brasil e no mundo – têm a corrupção como estratégia de crescimento, e fechar os olhos para isso traz dois grandes problemas. O primeiro é sobrevalorizar ideias, filosofias ou modas de gestão que seriam responsáveis pelos avanços dos balanços corporativos. O segundo é fingir que o problema não existe, o que torna seu combate mais difícil. Voltando a Maquiavel, enquanto olharmos a corrupção apenas pela perspectiva moral e ética, dificilmente saberemos atacar o sistema e os incentivos perversos que, de fato, levam *il esecutivo* às práticas lesivas como meio de crescer e consolidar seu poder.

ENQUANTO OLHARMOS
A CORRUPÇÃO APENAS
PELA PERSPECTIVA
MORAL E ÉTICA, NÃO
SABEREMOS COMBATER
OS INCENTIVOS QUE
LEVAM *IL ESECUTIVO* ÀS
PRÁTICAS LESIVAS PARA
CRESCER E CONSOLIDAR
SEU PODER.